

Raquel Gomes Noronha, Luiza Gomes Duarte de Farias e Raiama Lima Portela*

* **Raquel Gomes Noronha** é designer (ESDI-UERJ), mestre (PPGCSoc) e doutora em Ciências Sociais (PPCIS-UERJ). Professora adjunta da Universidade Federal do Maranhão e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Design. Coordena o NIDA – Núcleo de pesquisas em inovação, design e antropologia (CNPq), pesquisando sobre as relações entre artesãs, materiais, formas de conhecimento e práticas criativas, questões de gênero, por meio de abordagens de design participativo e design anthropology, considerando as territorialidades, processos de autonomia e relações de poder. Integra a equipe do PROCAD-AM “Comunidades Criativas e Saberes Locais”, em parceria com a UEMG e UFPR; desde 2019 é Consultora Regional da América Latina no Programa “Gender Design on STE-AM”, promovido pela Carleton University, no Canadá; em 2018 foi pesquisadora visitante no projeto “Knowing from the inside: Anthropology, Art, Architecture and Design”, liderado por Tim Ingold no Departamento de Antropologia da Universidade de Aberdeen, Escócia.

raquel.noronha@ufma.br
ORCID 0000-0002-3753-5143

Raiama Lima Portela é mestre em Design pelo Programa de Pós Graduação em Design da Universidade Federal do Maranhão - PPGDG/UFMA (Bolsista Mestrado CAPES). Graduada em Design pela Universidade Federal do Maranhão (2014). É pesquisadora do NIDA – Núcleo de pesquisas em Inovação, Design e Antropologia (CNPq). Sua pesquisa tem foco em design e artesanato, as questões de gênero no âmbito da produção artesanal, e os limites epistemológicos do designer-pesquisador e o

Design, artesanato e participação: reflexões para a autonomia produtiva de mulheres no Maranhão¹

Resumo Entre as diversas apreensões do artesanato tradicional no contexto brasileiro, a geração de renda e de autonomia produtiva de mulheres destacam-se como prioritárias na promoção da equidade de gênero. Neste artigo, discutimos os alcances e os desafios de se pensar e fazer design com mulheres artesãs com vistas à autonomia econômica, problematizando o uso de parâmetros institucionalizados, como os de mensuração de empoderamento feminino, utilizados pelo Fórum Econômico Mundial. A partir do design participativo e uso de ferramentas de fotoelicitação, propusemos ações de mapeamento de cadeias produtivas e a cocriação de materiais para a comercialização de produtos artesanais, visando a discussão sobre a autonomia produtiva de artesãs e a sua promoção. Buscou-se o compartilhamento de visões de mundo a partir da tomada de consciência e de iniciativas de fomento à produção, tratadas neste artigo como estudo de casos múltiplos, em três grupos produtivos no Maranhão. Como resultado, apresenta-se um debate sobre como a autonomia é produzida e percebida, como um processo de autorregulação consciente de tais grupos produtivos com os atores sociais envolvidos nas suas cadeias produtivas.

Palavras chave Artesanato, Autonomia, Design Participativo, Maranhão

campo de pesquisa, a partir das reflexões do design anthropology. Coautora do livro *Ciranda de Saberes: percursos cartográficos e práticas artesanais em Alcântara e na Baixada Maranhense* (2017). Nos últimos dois anos atuou como pesquisadora no projeto MAPE-ARTE - Mapeamento e documentação do artesanato maranhense.

raiana.portela@gmail.com

ORCID 0000-0002-9925-6190

Luiza Gomes Duarte De Farias é graduanda em Design pela Universidade Federal do Maranhão. Pesquisadora do NIDA (Núcleo de Pesquisas em Inovação, Design e Antropologia), integrando o projeto “Correspondência entre o fazer e o design: codesign e construção do conhecimento entre designers e profissionais qualificados”. Interesses de pesquisa: relações entre conhecimento formal e conhecimento tácito-narrativo, práticas de correspondência, design participativo, antropologia do design, design e artesanato, entre outros.

luiza.duarte@discente.ufma.br

ORCID 0000-0003-3589-8490

Design, craftwork and participation: reflections for the productive autonomy of women in Maranhão

Abstract *Among the various approaches of Brazilian’s traditional handicrafts context, the income production and productive autonomy of women stand out as priorities in the promotion of gender equity. In this paper, we discuss the possibilities and challenges of thinking and designing with women artisans towards economic autonomy, questioning the use of institutionalized parameters, such as those for measuring female empowerment, applied by the World Economic Forum. Based on participatory design and the use of photo-elicitation tools, we proposed actions to map production chains and the co-creation of materials for the commercialization of artisanal products, aiming at the discussion about autonomy production of artisans and their promotion. We sought to share worldviews from awareness and initiatives to promote handicraft production, treated in this article as a multiple case study (YIN, 2005), in three productive groups at Maranhão. As a result, a debate is presented on how autonomy is produced and perceived: as a process of conscious self-regulation of such productive groups with the social actors involved in their production chains.*

Keywords *Handicraft, Autonomy, Participatory Design; Maranhão*

Diseño, artesanía y participación: reflexiones para la autonomía productiva de las mujeres en Maranhão

Resumen *Entre los diversos enfoques del contexto de las artesanías tradicionales brasileñas, la producción de ingresos y la autonomía productiva de las mujeres se destacan como prioridades en la promoción de la equidad de género. En este artículo discutimos las posibilidades y desafíos de pensar y diseñar con mujeres artesanas hacia la autonomía económica, cuestionando el uso de parámetros institucionalizados, como los de medición del empoderamiento femenino, aplicados por el Foro Económico Mundial. Con base en el diseño participativo y el uso de herramientas de foto-elicitación, propusimos acciones de mapeo de cadenas productivas y la co-creación de materiales para la comercialización de productos artesanales, visando la discusión sobre la autonomía productiva de los artesanos y su promoción. Buscamos compartir cosmovisiones a partir de la concienciación y las iniciativas para promover la producción artesanal, tratada en este artículo como un estudio de caso múltiple (YIN, 2005), en tres grupos productivos de Maranhão. Como resultado, se presenta un debate sobre cómo se produce y se percibe la autonomía: como un proceso de autorregulación consciente de dichos grupos productivos con los actores sociales involucrados en sus cadenas productivas.*

Palabras clave *Artesanía, Autonomía, Diseño Participativo; Maranhão*

Introdução

A produção artesanal é considerada, em muitos grupos do estado do Maranhão, trabalho de mulher. Essa afirmação é pautada em pesquisas iniciadas em 2009 com o projeto de extensão Iconografias do Maranhão e que, posteriormente, em 2015, deu origem ao Núcleo de Pesquisas em Inovação Design e Antropologia, no âmbito da graduação e do mestrado em Design da Universidade Federal do Maranhão.

De lá para cá, atuamos em cerca de 50 grupos produtivos de artesanato em todo o estado do Maranhão (Noronha, 2011; 2018; Noronha et al, 2017; 2020; Noronha e Abreu, 2021) e, na maioria deles, é possível escutar a frase: “criei meus filhos, comprei minhas coisas, com o dinheiro do artesanato.”. Essa informação também é confirmada no contexto brasileiro pelo SEBRAE: 77% das pessoas que trabalham com artesanato identificam-se pelo gênero feminino e, do total de artesãos brasileiros, 60% possuem a produção artesanal como principal fonte de rendaⁱⁱ.

Além da função econômica, os artesanatos considerados tradicionaisⁱⁱⁱ e de referência cultural^{iv}, especificamente, constituem-se como zonas de contato com inúmeras questões epistemológicas (Noronha, 2020) como a identidade étnica, as questões fundiárias, a relação com o turismo e a economia criativa, sendo elementos constituintes da identidade cultural local das comunidades das quais são, ao mesmo tempo, semente e fruto.

Este artigo tem o objetivo de apresentar resultados de três ações com grupos produtivos de artesanato que relacionam os saberes e fazeres e a atuação das mulheres nestas cadeias produtivas, a partir do design em suas abordagens participativas, decoloniais e ecofeministas, buscando a contextualização de parâmetros de mensuração da superação da lacuna de gênero (FEM, 2005; WEF, 2021), aqui analisados por meio do conceito da autonomia.

Os resultados enfatizam o potencial do artesanato como trabalho e geração de renda, mas, sobretudo, dão relevo aos princípios autóctones constitutivos das organizações de mulheres que produzem para o seu bem viver e reconstróem cotidianamente seus territórios.

A sustentabilidade e a relação com a natureza, as dimensões do artesanato como trabalho e renda, a memória afetiva e a ancestralidade, o diálogo – nem sempre pacífico – com a dimensão econômica, representada pelo trade turístico e por instituições de apoio e de fomento à produção artesanal e os atravessadores e, especialmente, a dimensão ontológica do saber fazer – aquela que faz dessas mulheres as protagonistas da reprodução cultural de suas comunidades – são os principais temas que permeiam os resultados aqui apresentados.

Importante percebermos que a inclusão produtiva e a participação econômica são parâmetros de mensuração de empoderamento feminino, nas políticas apresentadas nos relatórios do fórum econômico mundial

(FEM, 2005; WEF, 2021). Contudo, entre outros resultados mais específicos observados nos casos aqui apresentados, enfatizamos que tais categorias analíticas das políticas públicas precisam ser entendidas localmente, porque são parte de um conhecimento de natureza situada, que só pode ser construído de modo participativo.

Design para autonomia e participação

Abordagens contemporâneas do design vêm questionando as formas de opressão que o racionalismo moderno da atividade projetual impôs às sociedades. Desde a década de 1970, clama-se por um design mais humanizado, nas palavras de seu precursor, Victor Papanek, autor do clássico livro *Design para um mundo real* (1977).

De lá pra cá, uma efervescência de pensamentos questionadores da centralidade projetual do designer e suas abordagens “desfuturizantes” emergiram no cenário epistemológico do campo, segundo o filósofo do design, Tony Fry (2009; 2020). Para o autor, o design vem agindo por meio de práticas que comprometem a vida no planeta, com a insustentabilidade dos processos industriais e da geração de desigualdades sociais e das mudanças climáticas, priorizando o mercado em detrimento das formas de vida.

Muitos são os nomes que designam estas abordagens contemporâneas: design participativo; design especulativo; design social; design anthropology; design de transição; design decolonial; design autônomo; designs do sul; designs dos suís; design ontológico, designs outros, como informa o designer colombiano Alfredo Gutiérrez Borrero (2020). Cada um atendendo à certas pautas específicas, têm em comum a busca por formas menos hierarquizadas na participação das comunidades e das sociedades nos processos de produção de cultura material e tecnologias, buscando a transição para um outro modo de vida, de consumo e produção, deixando para trás a visão desfuturizante do antropoceno e as opressões do patriarcado e do capitalismo. Enfatizam, portanto, o conceito de autonomia.

Os pensamentos anti e decoloniais inspiram reflexões e pesquisas no design a abrirem os espaços dos processos criativos que tradicionalmente são realizados de forma autoritária, dentro da equipe de projeto e alcançam as comunidades por meio das metodologias participativas do design. Antropologicamente informadas, transformam-se os informantes das pesquisas em design em cocriadores. *Decolonizing design* e *Respectful design* são os lemas norteadores das ações da primeira reitora negra de uma faculdade de design, Elizabeth (Dori) Tunstall, designer e antropóloga que vem reestruturando as bases pedagógicas do design na OCAD University, em Toronto, Canadá. Tunstall (2013) defende que a autonomia de comunidades advém da sua própria capacidade de subverter os processos tecnológicos e utilizá-los em seu benefício, disseminando seus valores de bem viver e as suas formas de pensar a própria produção.

Neste contexto, o conceito de autonomia veio associado, inicialmente, à situação de dependência dos países do então terceiro mundo dos países do primeiro mundo, e a suas condições de exportadores de commodities, conforme afirma Gui Bonsiepe (2012). Um design autônomo, nesta abordagem, seria realizar a utopia de um design localmente desenvolvido, que realizasse a função de ser interface entre os produtos e seus usuários, “deixando o mundo mais habitável”, nas palavras do autor (BONSIEPE, 2012, s.p).

A visão do autor, construída na década de 1970, vincula-se ainda ao tal ideal nacionalista moderno, que enfatiza o desenvolvimento e o capitalismo como formas de soberania e autonomia. Contudo, não problematiza a homogeneização dos modos de vida existentes nas nações do Sul Global, especialmente a brasileira, envolvendo cosmologias, vivências e saberes diversos.

À visão desenvolvimentista, contrapomos aquela ofertada por Escobar (2016), que assume a autonomia como uma forma de autoprodução de comunidades, pautadas em princípios de uma sociedade matrística. Para o autor,

As culturas matrísticas históricas se caracterizam por conversas que se destacam na inclusão, participação, colaboração, coinspiração, respeito e aceitação mútua, sacralidade e renovação cíclica recorrente da vida. [...] Os modos matrísticos persistem nas culturas contemporâneas apesar da forma patriarcal imperante. Sobrevivem, por exemplo, ainda que de forma parcial e contraditória, nas relações entre a mãe e os filhos, nas relações de amor, na ciência e na democracia. (ESCOBAR, 2016, p.37, tradução nossa).

A comunalidade, a convivialidade, o emocionar-se, a relacionalidade, o respeito a todas as formas de vida e aos tempos da natureza são características desse paradigma ao qual associa-se o conceito de autonomia, também nas visões ecofeministas. Para Vandana Shiva, (SHIVA, 1995 apud BELTRÁN, 2019) a abordagem ecofeminista é crítica aos reducionismos das sociedades industriais que, dicotomicamente, reduzem formas múltiplas de fazer e pensar e classificam-nas como produtivas e não produtivas, “pela divisão do conhecimento que os classifica em especialistas e não especialistas, que os desapropria dos conhecimentos.” (BELTRÁN, 2019, p.125).

Algumas formas de design, em suas múltiplas abordagens que vão contra o paradigma neoliberal capitalista, vêm assumindo o conceito de autonomia em lugar ao de desenvolvimento sustentável que, como critica Silvia Rivera Cusicanqui, filósofa e historiadora boliviana, de origem aimará, é um conceito cooptado pela colonialidade que maquia a sustentabilidade para servir aos princípios do próprio capitalismo. A autora argumenta que, quando as lutas das populações subalternizadas são cooptadas pelos discursos dominantes, acontece o processo de “inclusão condicionada, uma cidadania recortada e de segunda classe, que molda imaginários e identidades

subalternizadas ao papel de ornamentos ou massas anônimas que teatralizam sua própria identidade.” (CUSICANQUI, 2010, p.60):

Nossa visão, nas pesquisas aqui apresentadas, relaciona-se, portanto, a esse conceito de autonomia, que se constitui como processo político e territorial, que busca a construção relacional entre todos os entes naturais, sem a diferenciação dicotômica entre natureza e cultura, entre seres vivos e inanimados. Para Escobar, autonomia “refere-se à criação das condições que permitem a mudança de normas a partir de dentro ou a capacidade de mudar tradições tradicionalmente.” (ESCOBAR, 2016, p.197, tradução nossa).

Deste modo, a autonomia é vista como um processo de autocriação e autorregulação, com a permeabilidade à influência externa, em fluxo autopoietico, abrindo o sistema (nos casos aqui apresentados, as comunidades e grupos produtivos) para trocas, valorizando a relacionalidade, e fechando-o, em “clausura operativa”, momento de interiorização, reflexão sobre os próprios limites do grupo. As mudanças e inovações são incorporadas em tempos específicos e depois consolidadas e sociabilizadas com os outros atores políticos.

Participar é uma relação, e esta é permeada por questões de poder. E não podemos deixar de lado as questões de gênero que envolvem qualquer tipo de trabalho. Silvia Federici (2019) aponta para a invisibilidade do trabalho doméstico como trabalho de reprodução e a sobrecarga feminina devido à acumulação de atividades. A produção artesanal, muitas vezes, se enquadra nesta percepção. Não é vista como trabalho, pois também é entendida como elemento identitário, que constitui ontologicamente as comunidades produtoras, como foi possível observar em pesquisas realizadas pelo NIDA. Os valores simbólicos e emocionais sobrepõem-se ao valor econômico e, por isso, recebem menos atenção como gerador de trabalho e renda.

Os casos que observaremos a seguir revelam hierarquias de posicionamento entre os diversos atores que constituem as cadeias produtivas do artesanato no Maranhão. Revelam discrepâncias entre discursos e práticas, revelam discursos coloniais das categorias analíticas e apontam caminhos, por meio de ações participativas de design, para a construção de autonomia produtiva destas mulheres, corroborando a visão de Cusicanqui (2010, p.72): a prática feminina tece o tecido da interculturalidade através de suas práticas: como produtora, comerciante, tecelã, ritualista, criadora de linguagens e símbolos capazes de seduzir o “outro” e estabelecer acordos de reciprocidade e convivência entre diferentes.

Abordagem metodológica

Este artigo apresenta resultados de pesquisa no âmbito da promoção da autonomia produtiva em três grupos produtivos do Maranhão, formalizados em suas associações ou informais, a saber: as tecelãs da fibra de buriti em Santa Maria, em Alcântara; as mulheres extrativistas do coco babaçu em São Caetano, em Matinha e as artesãs da fibra de bananeira, de Paço do Lumiar, na grande ilha de São Luís.

Para este artigo, tratamos estes resultados como um estudo de caso múltiplo. Segundo Yin (2005, p.32), o estudo de caso “é uma abordagem empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” e a modalidade “múltiplo” promove, ainda, o aprofundamento pela comparação.

Nestes casos, aqui apresentados (Figura 1), baseamo-nos nos princípios do Design Participativo (DP), os quais serão tratados mais adiante. Esta condição as caracterizam como pesquisas de abordagem qualitativa, valorizando as experiências e a atencionalidade de pesquisadoras e de copesquisadoras durante as ações práticas (com o uso de ferramentas de design e prototipação) que caracterizam o DP, além de ser a reflexividade um traço importante: assumimos que afetamos e somos afetadas pelas realidades sociais nas quais nos inserimos como pesquisadoras (INGOLD, 2014).

Figura 1 Processos com artesãs de Santa Maria; em São Caetano e com o Madesol

Fonte Das autoras



Todas as pesquisas, situadas no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas relacionam-se ao proposto pelo Fórum de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas (FCHSSA), em relação à construção da ética na pesquisa, como um processo contínuo de construção de vínculos de confiança e de parceria entre pesquisadores e sujeitos de pesquisa^v (ALVES e TEIXEIRA, 2020), sem que os primeiros sejam ativos no processo e os últimos apenas provedores de informação.

O primeiro caso^{vi} foi a pesquisa realizada entre 2016 e 2018 que investigou, por meio de uma ferramenta de fotoelicitação, como as mulheres artesãs de Santa Maria (Alcântara) percebiam os parâmetros do Fórum Econômico Mundial para o empoderamento feminino, em seu cotidiano produtivo. Utilizamos uma ferramenta de fotoelicitação que retratava situações aludidas nos relatórios da ONU para a redução da lacuna de gênero. Nosso intuito foi identificar, na prática, como as artesãs percebiam tais parâmetros, em seus cotidianos.

O segundo caso^{vii} foi realizado entre 2018 e 2019, na comunidade extrativista do coco babaçu de São Caetano, em Matinha. Em vez de levarmos a mesma ferramenta pronta, como no primeiro caso, em Santa Maria, construímo-la com as mulheres e as crianças do lugar. A ressemantização das categorias do Fórum Econômico Mundial, acionadas na primeira ferramenta, aconteceu, trazendo noções específicas e localizadas: o que significa saúde, educação, participação política e econômica, para as mulheres de São Caetano?

O terceiro caso^{viii} aprofunda as ações anteriores. Como as mulheres artesãs de um grupo de artesanato de referência cultural, o Madesol, que trabalham com a fibra de bananeira em Paço do Lumiar, em São Luís, analisam seu processo criativo, sua autoestima e suas habilidades, a partir do uso de uma ferramenta de design para fotoelicitação?

Resultados e discussões

O primeiro caso realizou-se com as artesãs de Santa Maria, povoado remanescente de quilombo de Alcântara, que tem como atividade principal a tecelagem com fibra de buriti. Além do trabalho artesanal, o povoado sobrevive do extrativismo e da agricultura de subsistência. O objetivo da pesquisa era avaliar, neste grupo de produção artesanal e em mais quatro grupos, como os parâmetros de marcação do empoderamento feminino, adaptados do Relatório do Fórum Econômico Mundial, são percebidos pelas próprias artesãs, a saber: 1 - Saúde e bem-estar; 2 - Participação econômica; 3 - Conquistas educacionais; 4 - Empoderamento político.

Para realizar tal processo, por meio do design participativo, construímos uma ferramenta de fotoelicitação, que aqui entendemos que a ideia da fotoelicitação não é fazer uso de descrições da realidade, mas sim oferecer experiências vividas por pesquisadores e participantes da pesquisa

que os aproximem das intersubjetividades, seguindo as recomendações de partir das reflexões de Sarah Pink (2013).

Para realizar o procedimento, foram escolhidas 64 imagens (16 para cada categoria) que dialogam com as categorias citadas. Para a escolha das imagens, consideramos o contexto social de Santa Maria, escolhendo imagens próximas da realidade das artesãs, da própria comunidade e de comunidades do entorno, e também imagens conceituais, ligadas às ideias das categorias num âmbito mais genérico. Nesta pesquisa, o processo colaborativo não está na produção da ferramenta, mas no momento de sua aplicação. Discursos, memórias não lineares e experiências de vida foram acionadas pelas 12 artesãs, quando em contato com as imagens (Figura 2).

O painel, no qual as seis imagens escolhidas como mais representativas de cada categoria eram afixadas, era graduado: havia posição para imagens da comunidade; imagens de outras comunidades e imagens globais para o parâmetro em questão. Por exemplo, para a categoria saúde e bem-estar: havia fotografia da agente de saúde local (imagem da comunidade - próxima), de uma parteira (imagem do universo comum das comunidades artesanais) e de um hospital (imagem distante do universo local e genérica no universo da saúde).

O processo de escolhas acionou reflexões sobre as imagens escolhidas e também sobre aquelas que não foram escolhidas. Aqui, aludimos ao potencial de imagens em movimento, que não se encerram em sua representação. O processo de apreensão das imagens na dinâmica da ferramenta não estava atrelado a um processo cognitivo, mas sim, por um processo de atencionalidade. Ingold (2018) afirma que a nossa atenção se volta para aquilo que é do nosso interesse, nosso objeto de preocupação.

Figura 2 Sessões de fotoelicitação em Santa Maria
Fonte PORTELA, 2018



Assim, a partir da condução das próprias artesãs, o painel era construído em face da atenção dada à cada imagem escolhida. Foram fotografados os arranjos de seis imagens escolhidas e analisadas por cada artesã, para cada um dos quatro parâmetros. As sessões eram gravadas em áudio e, posteriormente, realizamos uma análise quantitativa da incidência de escolha de cada imagem. Obtivemos um panorama quantitativo e qualitativo dos anseios, das reflexões e das necessidades daquelas mulheres artesãs sobre o seu próprio fazer e como o artesanato propiciava o acesso a tais parâmetros. Posteriormente, analisamos individualmente as imagens de maior incidência, triangulando as falas de todas as artesãs que escolheram as imagens.

As falas transitaram por questões relacionadas à produção artesanal e ao esforço em continuá-la, às relações em casa, à falta de políticas públicas para a própria comunidade, à educação, à saúde e ao acúmulo de jornadas de trabalho. Das questões levantadas pela ferramenta, destacamos a importância da produção artesanal para as mulheres da comunidade. A prática, como ouvimos das artesãs, tem trazido saúde, bem-estar e autoestima.

O segundo caso aconteceu no decorrer do projeto de pesquisa “Co-design e empoderamento: um estudo sobre a relação designers-artesãs e a produção de imagens em campo” e, a partir dos debates suscitados no primeiro caso, resolvemos potencializar a ideia de participação no âmbito da produção da ferramenta de fotoelicitação.

Diferentemente do caso de Santa Maria, em São Caetano, uma comunidade do município de Matinha, o processo de construção da ferramenta de fotoelicitação ocorreu de modo distinto. Como lá observado, famílias ex-trativistas do coco babaçu vem sendo expropriadas do acesso aos campos, a despeito da lei do Babaçu Livre, e impedidas de exercerem sua atividade de extração do coco, ligada à produção de azeite, mesocarpo, carvão do coco babaçu e iniciantes na produção de artesanatos com o coco. As mulheres de São Caetano construíram a sua própria ferramenta de design participativo com a nossa presença na comunidade.

As imagens, o tipo de ferramenta, a configuração visual do painel e sua produção foram realizadas na comunidade. Ainda que estivéssemos partindo dos mesmos quatro parâmetros do FEM (2005): 1 - Saúde e bem-estar; 2 - Participação econômica; 3 - Conquistas educacionais; 4 - Empoderamento político - o resultado desta etapa foi além dos alcançados

no primeiro caso, porque proporcionou a autonomia na construção dos pró-prios conceitos pelas mulheres e também pelas crianças da comunidade, que sempre estiveram juntas durante as atividades do projeto. Inicialmente, realizamos rodas de conversa sobre o significado dos parâmetros de avaliação de redução da lacuna de gênero. Após esta etapa, realizamos, durante quatro dias, fotografias e desenhos das situações mencionadas, enquanto novas conversas e reflexões surgiam. A ferramenta constituiu-se como um jogo de tabuleiro e foi chamado de “jogo do coco” (Figura 3).

Figura 3 Etapas da criação do Jogo do Coco, com a comunidade de São Caetano
Fonte NIDA



Nas rodadas de aplicação do jogo, as situações relatadas pelas mulheres eram lidas e havia um debate coletivo. A cada debate, ganhavam um coco como prêmio e avançavam no tabuleiro, dividido em quatro casas: Palmeiral; Escola da Comunidade; Horta e Associação de mães, espaços associados à visão daquelas mulheres sobre participação econômica; educação; saúde e bem-estar e participação política. Os parâmetros abstratos ganharam cores e significados locais. As categorias analíticas globais foram territorializadas e debatidas coletivamente na comunidade. Finalmente, as falas das mulheres sobre as suas visões e experiências sobre os parâmetros foram trianguladas com as abordagens teóricas no âmbito da pesquisa e o processo de construção dessa ferramenta autônoma, por meio do design participativo foi sistematizada em um documentário^{ix}.

O terceiro caso ainda está em curso com o grupo Madesol (Mulheres Artesãs da Economia Solidária Luminense), de artesanato em fibra de bananeira e localizado no município de Paço do Lumiar e, até o final de 2022, será replicado em mais cinco comunidades, em Itapecuru, Alcântara, Humberto de Campos, Barreirinhas e Paulino Neves.

Para dialogar com as artesãs, foi elaborada uma ferramenta a partir de uma narrativa sobre um grupo artesanal imaginário, formado por mulheres, e seus desafios para se manter ativo cultural e economicamente. Apesar de imaginário, as problemáticas acionadas são reais, visto que retratam em palavras e imagens várias experiências observadas em campo com mulheres artesãs de inúmeros grupos do Maranhão.

A proposta era chegar a um modelo de ferramenta que fosse um meio termo entre a amplitude e abstração do primeiro caso e a especificidade e singularidade do segundo. Como estamos trabalhando com maior quantidade de grupos, ter uma ferramenta que possa acolher as especificidades e, ao mesmo tempo, ser replicável é sem dúvida um desafio a ser superado e a garantia de obtenção de dados quantitativos e qualitativos.

Organizada em oito cartões (Figura 4), a ferramenta busca a reflexão sobre aspectos da produção artesanal, principalmente, ao focalizar a dimensão simbólica e emocional do fazer, fotoelicitando questões como originalidade, autoestima, inspiração, autonomia, intergeracionalidade, entre outras. Tais categorias analíticas foram estabelecidas a partir de revisão sistemática de literatura (RSL) sobre a criatividade em processos artesanais e isso gerou um protocolo de pesquisa, traduzido pela ferramenta. A ferramenta construída tem o objetivo de proporcionar a narrativa específica do grupo, a partir de um caso exemplar, narrado por cada uma das cartas.



Figura 4 Processo de fotoelicitação e contação de histórias com o grupo Madesol

Fonte NIDA

A aplicação da ferramenta aconteceu depois de diversos encontros com o grupo formado por oito mulheres, nos quais desenhamos a sua cadeia produtiva, identificamos entraves e desafios. A etapa de uso da ferramenta foi realizada coletivamente, e as narrativas pessoais e localizadas surgiram

a partir do exemplo trazido de forma arquetípica. A elaboração desta ferramenta só foi possível pelo repertório construído ao longo do tempo, que possibilitou um balanceamento entre casos específicos versus problemas genéricos, identificados em grande parte das comunidades, em triangulação com o estado da arte obtido na RSL (Figura 5).

Figura 5 Triangulação dos resultados

Fonte Das autoras



A seguir, apresentamos uma série de falas das artesãs, que sintetizam algumas reflexões produzidas pelas três ferramentas em epígrafe, posicionando-as em relação aos parâmetros do FEM (2005). Os discursos que emergem desta análise relacionam-se à abordagem teórica aqui proposta, de se pensar a autonomia produtiva como um processo político que emerge no território, a partir dos próprios saberes e fazeres.

Nesse sentido, a autonomia financeira caminha ao lado da ideia do fazer como uma forma de bem-estar, até mesmo como uma forma terapêutica. A artesã do Madesol conta que

“o artesanato, para mim, é uma forma de saúde. Porque há muitos anos atrás eu desenvolvi fibromialgia e aí as mãos começaram a ficar rígidas [...] E assim, fui estudando, estudando, vendo outras formas de artesanato. E aí tá me ajudando muito hoje conhecer as meninas da Madesol, tá com pouco tempo que eu tô na Madesol, mas é um privilégio muito grande poder entrar nesse grupo e descobrir a fibra.”

Em São Caetano, como aludido na construção da ferramenta, a ideia de saúde e bem-estar está associada mais ao quintal e à horta do que ao hospital. A líder das mulheres afirma que ter acesso a um hospital é uma realidade longínqua: “a nossa saúde vem da horta, vem das plantas, daí que fazemos remédios.”. A artesã mais idosa do grupo reforçou a ideia, durante momentos de diálogo e vivência do território:

“saúde pra mim é comer uma galinha da terra. Sem hormônio, da minha roça sem agrotóxico.” Ao compartilharmos o alimento durante aqueles momentos em São Caetano, entendemos aquilo que é considerado bem-estar e saúde, empiricamente. A imagem da parteira também aciona essa reflexão, que traz para os conhecimentos locais e à participação da comunidade a ideia de uma autonomia também no âmbito da saúde coletiva dos povoados.

A noção de artesanato como participação econômica, em Santa Maria, é reforçada pelo sentido de autonomia pela ação:

“A gente trabalha pra se alimentar, do nosso suor. É porque eu faço parte, eu faço parte dessa lida, dessa realidade aí. Já sei como é [...] o nosso jeitinho e tamo aqui na luta do mesmo jeito. Estamos na luta e na lida.”

As categorias “luta” e “lida” são recorrentes. Ao acionarem as imagens sobre empoderamento político, as artesãs de Santa Maria escolheram recorrentemente a imagem de uma mulher artesã, de outra comunidade, caminhando descalça, indo em direção à roça. A ação, o trabalho cotidiano é uma ação política e, ao mesmo tempo, a visão do artesanato como trabalho.

A autonomia por meio do trabalho, também se refere à intergeracionalidade, que promove o acesso ao saber fazer:

“O que chamou a atenção porque esse trabalho aí é um trabalho fácil pra gente. Foi aí que a gente começou a aprender mais. Hoje a gente se acha bem capacitado nesse trabalho. Pra quem não conhece é um trabalho muito difícil, mas pra nós que já sabe, já conhece como começou, com nossas mães, nossos avós. Foi um serviço que a gente encontrou na frente. [...] Daí é que sai nosso pão de cada dia.”

Nesta fala, de uma artesã de Santa Maria, é possível identificar a relação do saber fazer com a autonomia produtiva e as relações estabelecidas com agências de fomento e de políticas públicas. A artesã refere-se aos treinamentos recebidos por consultorias de designers, aliados ao conhecimento passado por mães e avós.

A artesã do Madesol corrobora a ideia:

“às vezes, eu fico imaginando como vai ser o futuro dele lá na frente,

porque hoje o que tá me salvando é o artesanato. Porque eu aprendi há muito tempo atrás, não era como profissão. Mas tá me ajudando. Se eu não soubesse fazer, como eu ia tá agora? Aí imagina se acontecer algo mais na frente, como esses jovens vão se virar se eles não se interessam pelo bem da natureza, pela parte do artesanato? Essa parte esses jovens de hoje eles não são... Como é que se diz? Alguém não vai lá e diz, 'ó, vamos se interessar por isso, isso aqui é bom'".

A preocupação com a autonomia das gerações futuras perpassa a atenção dos jovens para com o conhecimento da produção. Em todas as comunidades, em pesquisas realizadas ao longo dos anos, essa é uma questão presente. Ainda que o artesanato seja percebido como fonte importante de renda, não desperta interesse nos jovens. Há necessidades urgentes de políticas de públicas que incentivem a continuidade dos saberes tradicionais e a sua sustentabilidade econômica, sociocultural e ambiental.

Sobre o processo de aprendizagem, temos o seguinte depoimento: "Eu aprendi, eu não vou mentir, foi sozinha mesmo olhando os outros, né. Mas, foi quando Deusa disse "menina, tu não quer ir pra casa da associação pra tu te inteirar?". Aqui, observamos o papel importante do grupo no fomento à produção artesanal. O aprendizado, como observamos, é corporal, é por meio do próprio fazer, além da coletividade proporcionar a autonomia e a participação política.

Na ferramenta desenvolvida em São Caetano, o espaço da participação política foi relacionado à associação. Tendo existência física, como um espaço de trabalho, ou simbólica, como instância de deliberação coletiva, o papel das associações é o de mobilização e coesão social.

Algumas atitudes foram deliberadas coletivamente no Madesol, em relação à autonomia produtiva:

"Aconteceu o seguinte: uma mulher me propôs uma vez de a gente fazer umas bolsas pra ela, só que a gente ficaria no anonimato [...] Ela ia botar a marca dela, ela ia botar a etiqueta dela sem que a gente fosse visto, aí eu não aceitei. Nós não aceitamos não: 'Não, meu bem, não é assim que funciona as coisas, não.'. É complicado, quer dizer que a gente ia ter todo o trabalho? [...] Não é só o dinheiro que vale!".

É uma questão também da identidade, da visibilidade do grupo. A autonomia produtiva também perpassa a visibilidade e o reconhecimento externo do grupo e de seu artesanato.

Na fala das artesãs, foi possível compreender os valores identitários que imperam nos grupos como a autogestão, a cooperação e o ambiente de trocas, que encontram reflexo no pensamento sobre a autonomia, em detrimento das formas produtivas capitalistas.

Como um modo de se lidar criativamente em prol da defesa de modos coletivos de vida, também predomina em seus discursos a função do artesanato na construção de comunidades de aprendizado. Quando indaga-

das sobre o que fariam na possibilidade de cópia de técnicas e temas entre elas, levantou-se o argumento da cópia não como uma situação negativa, mas uma forma de troca, de possibilitar a construção de relações de diálogo e solidariedade: “[...] é uma técnica, pra gente passar, como a gente disse, conhecimento uma pra outra”.

Percebemos alguns pontos de conflito ao aplicar a ferramenta inicial, em Santa Maria. Primeiro, quando avaliamos o empoderamento como uma força que move para a geração de vidas, consideramos o artesanato realizado em Santa Maria como forma de empoderamento.

Quando partimos dos parâmetros do FEM, percebemos que a realidade das mulheres não se encaixa nesse modelo de desenvolvimento; há um sistema de submissão feminina que as insere numa atividade que não proporciona uma progressão na carreira e um aumento expressivo da renda, o que nos levou a problematizar sobre as categorias para a construção da própria ferramenta e a sua aplicação, gerando a experiência seguinte, a de São Caetano.

Durante as sessões de construção e de uso de ferramentas, fica patente o processo de autorreflexão e de negociações conosco, atores externos às comunidades. A reconstrução das situações, a tangibilização de situações em imagens e a construção de histórias e de narrativas, em torno das categorias analíticas oficiais, chamam a atenção em relação às comparações entre os anseios e as necessidades de cada um dos envolvidos: nós, com nossa pauta de pesquisa; as artesãs, com questões relacionadas à sua produção e às disputas cotidianas; e a presença desmaterializada das próprias categorias analíticas que vêm à tona com os estímulos visuais das ferramentas do design participativo.

Assim, constrói-se a participação em design, a partir das relações e dos discursos e das práticas que as subjazem. A contribuição para o campo do design participativo é a constatação da necessidade de se situar os processos de construção de ferramentas. As discussões sobre um design ontológico, trazidas por Escobar (2016), perpassam a premissa de que a comunidade faz o design de si mesma. Esses resultados corroboram esta visão e a necessidade de se pesquisar a partir de categorias nativas, descentrando o design da sua principal e tradicional definição de “solucionador de problemas” para a de campo do saber que media práticas criativas para insurgência da vida.

Considerações finais

A construção de categorias para o desenvolvimento de políticas públicas, afinadas com as realidades locais, é um desafio contemporâneo. Os três casos aqui apresentados relacionam-se a uma autocrítica dos processos de design participativo que, à luz do conceito de autonomia e de participação, precisam ter atitude autorreflexiva e de desconstrução das reminiscências de uma forma de fazer e pensar design para o outro, direcionando-se ao design com e pelos outros. Especificamente, o design pelas outras – as artesãs com as quais dialogamos – é um design situado, que atende às necessidades práticas cotidianas e aos anseios relacionados ao bem viver dessas comunidades, para além do funcionalismo e racionalismo do design moderno.

O entendimento sobre o que significa saúde, bem-estar, educação, participação política e participação econômica propicia a autonomia, na medida em que leva ao nível consciente as necessidades do território e das mulheres que, como vimos, são as responsáveis pela coesão social e pela manutenção das práticas tradicionais dos saberes e fazeres, em Santa Maria e São Caetano, e do fomento de uma produção de referência cultural, como no grupo Madesol.

Para o campo das políticas públicas, para o artesanato e a inclusão produtiva, tais resultados, assim como de toda a produção do NIDA, dos últimos 12 anos, colaboram para o entendimento dos entraves e das lacunas das cadeias produtivas; atualizam o entendimento das características produtivas de cada comunidade e mapeiam o papel das mulheres e seus desafios na manutenção e na reprodução de seus saberes e fazeres.

Ressaltamos, ainda, a importância de iniciativas das políticas de estado do Maranhão em prol da mulher, especificamente por meio do edital Igualdade de Gênero lançado pela FAPEMA, em sua única edição, em 2016. Os casos de Santa Maria e São Caetano, aqui apresentados, integram o escopo de resultados do projeto mais amplo aprovado neste edital. Estas discussões, advindas de uma política pública, têm a oportunidade de realimentar o processo em constante construção de uma sociedade mais justa e mais democrática.

Referências

- ALVES, D.; TEIXEIRA, W. M. Ética em pesquisa em ciências sociais: regulamentação, prática científica e controvérsias. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, vol.46, p.1-20, 2020.
- BELTRÁN, E. P. **Ecofeminismo**. In: SOLÓN, P. (org.) *Alternativas Sistêmicas. Bem viver, desenvolvimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desglobalização*. São Paulo: Elefante, 2019. 224p.
- BONSIEPE, G. **Design e crise**. Agitprop. Revista Brasileira de design. Ano IV, n.44. 2012. s/p. Disponível em: http://www.agitprop.com.br/?pag=repertorio_det&id=75&titulo=repertorio. Acesso em 18/01/2022.
- CUSICANQUI, S. R. **Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores** - 1a ed. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- DATASEBRAE**. Artesanato. Disponível em: <https://datasebrae.com.br/artesanato/> Acesso em 20/01/2022.
- EHN, P. **Learning in participatory design as I found it**. In: DISALVO, Betsy et al. *Participatory Design for Learning Perspectives from Practice and Research*. [s.l.]: Routledge, 2017.
- ESCOBAR, A. **Autonomía y diseño: la realización de lo comunal**. Popayán: Universidad del Cauca; Sello Editorial, 2016.
- FEDERICI, S. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.
- FÓRUM ECONÔMICO MUNDIAL**. Empoderamento de mulheres. Avaliação das disparidades globais de gênero. Genebra, 2005.
- FRY, T. **Defuturing: a new Design Philosophy**. London: Bloomsbury Publishing 2020. 288 p.
- FRY, T. **Reconstruções**. Ecologia, Design, Filosofia. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009. 232p.
- GUTIÉRREZ BORRERO, A., NAME, L. e CUNHA, G. R. **Alfredo Gutiérrez Borrero – Desenhos-outras: da hegemonia ao giro decolonial e dos desenhos do sul aos dessocons (entrevista)**. Redobra, n. 15, ano 6, p. 59-86, 2020.
- INGOLD, T. **The creativity of undergoing**. In: *Pragmatics & Cognition*, n.22, v.1, p.124-139, Aberdeen: John Benjamins Publishing Company, 2014.
- NORONHA, R.; ABREU, M. **Conter e contar: autonomia e autopoiesis entre mulheres, materiais e narrativas por meio de Design Anthropology**. Pensamentos em Design, Belo

Horizonte, v. 1, n. 1, p. 60-75, jul. 2021.

NORONHA, R.; ABOUD, C.; PORTELA, R. et al. **Design by means of anthropology towards participation practices: designers and craftswomen making things in Maranhão (BR)**. In: 16th PDC2020 - Participatory Design Conference, Manizales, v.1, 2020.

NORONHA, R. **Dos quintais às prateleiras: as imagens quilombolas e a produção da louça em Itamatatua – Alcântara – Maranhão**. São Luís, EDUFMA, 2020.

NORONHA, R. **The collaborative turn: challenges and limits on the construction of the common plan and on autonomía in design**. Strategic Design Research Journal, [s.l.], v. 11, n. 2, 2018.

NORONHA, R. et al. **Cirandas de saberes: percursos cartográficos e práticas artesanais em Alcântara e Baixada Maranhense**. São Luís: EDUFMA, 2017.

NORONHA, R. **Identidade é valor: as cadeias produtivas do artesanato de Alcântara**. São Luís: EdUFMA, 2011.

PAPANÉK, V. **Diseñar para el mundo real: Ecología humana y cambio social**. Madrid: H. Blume, 1977.

PINK, S. **Doing visual ethnography. Images, media and representation in research**. Sage. London: 2013.

PORTELA, R. L. **Correspondências por meio de ferramentas de design: artesanato e empoderamento (ou aprisionamento?)**. 133f. Dissertação – Mestrado em Design. Programa de Pós Graduação em Design – UFMA, São Luís, 2018.

TUNSTALL, E. **Decolonizing Design Innovation: Design Anthropology, Critical Anthropology, and Indigenous Knowledge**. In: W. Gunn, T. Otto and R. Smith (Eds.) *Design Anthropology: theory and practice*. London, Delhi, New York, Sydney: Bloomsbury, 2013, p. 393-425.

WORLD ECONOMIC FORUM. **Global Gender Gap Report**. 2021. Disponível em: http://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2021.pdf. Acesso em 15 de abril de 2021.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed., Porto Alegre: Bookman, 2005.

ⁱEste artigo foi contemplado com o primeiro lugar no Prêmio 15 Anos de Políticas Públicas para Mulheres no Maranhão, fomentado pela Secretaria de Estado das Mulheres do Maranhão e pela FAPEMA, na categoria Autonomia produtiva. A premiação aconteceu em 08 de março de 2022, pelas mãos do então Governador, Flávio Dino.

ⁱⁱDisponível em: [https://datasebrae.com.br/artesanato/Acesso em 20/01/2022](https://datasebrae.com.br/artesanato/Acesso%20em%2001/2022).

ⁱⁱⁱArtesanato tradicional: Conjunto de artefatos mais expressivos da cultura de um determinado grupo[...] Sua importância e seu valor cultural decorrem do fato de ser depositária de um passado, de acompanhar histórias transmitidas de geração em geração, de fazer parte integrante e indissociável dos usos e costumes de um determinado grupo (SEBRAE, 2010, p.14).

^{iv}Artesanato de referência cultural: são produtos cuja característica é a incorporação de elementos culturais tradicionais da região onde são produzidos. São, em geral, resultantes de uma intervenção planejada de artistas e

designers, em parceria com os artesãos, com o objetivo de diversificar os produtos, porém preservando seus traços culturais mais representativos (op. cit.).

vEm alguns casos, TCLE foram assinados e, em específico em Alcântara, respeitamos a opção da não assinatura, pelo trauma causado pela expropriação de territórios quilombolas pelo CLA – Centro de Lançamento de Alcântara. Cessão de direito de imagem foram realizadas durante as entrevistas e os vídeos gravados, em acordos coletivos de que as ações de design participativo realizadas buscavam dar visibilidade às produções artesanais e às suas criadoras, as artesãs.

viRefere-se à pesquisa de mestrado de Raiama Lima Portela, orientada por Raquel Gomes Noronha (Portela, 2018), relacionada aos resultados do projeto “Codesign e empoderamento: um estudo sobre a relação designers-artesãs e a produção de imagens em campo”, financiado pelo edital FAPEMA - Igualdade de Gênero (2016-2018).

viiRefere-se ao citado projeto, com ações realizadas por Raquel Noronha e pelos então bolsistas de iniciação científica Mariana Gomes Lúcio e Ferdinan Silva de Sousa.

viiiRefere-se à resultados parciais, do projeto ainda em andamento “Correspondências sobre o projetar e o fazer: codesign e construção de conhecimento entre designers e praticantes habilidosos”, financiado pelo edital FAPEMA Universal 2018, prorrogado até dezembro de 2022. Este projeto está vinculado ao PROCAD-AM – Comunidades criativas e saberes locais: design em contexto social e cultural de baixa renda, financiado pela CAPES. O Programa envolve intercâmbios entre os Programas de Pós-graduação em Design da UFMA, UEMG e UFPR.

xiDocumentário Codesign e empoderamento (2018).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=REpTsAYGpa8>